

Prima LITERARIA ZOLA

Por PINHEIRO TORRES

Este pseudo-sábio simplifica, mutila, altera ou aumenta até ao exagero o resultado da sua experiência. Não vê e não retém de facto, senão o que pretendia ver, cego pelos seus princípios. Desta maneira a realidade deforma-se e foge-lhe.

A sua paleta carrega-se dos tons mais negros, mais morbidos, mais grosseiros. A sua óptica se restringe, a ponto de não registar senão o sórdido, o ignóbil.

Se acontece falar de amor é apenas o amor fisiológico que pinta.

A propósito da «Thérèse», Biquini nota: «um homem potente e numa mulher insaciada, procurar neles o animal, somente o animal».

Malsão, exagerado, morbido, es. creveria dos romances de Zola os jornais do tempo. Leão Daudet, que chamou com razão ao livro «La Terre», as «geórgicas da crápula», chama ao autor da ignominiosa «Nana», «o grande feccal».

Podia ter-nos dado, com a incontestável superioridade do seu talento descritivo, uma bela síntese dos acontecimentos de Lourdes, a qual podia ter por epíteto um cântico de fé, ou, pelo menos, a respeito reserva da incredulidade, obstinada, mas leal na sua dúvida.

Preferiu deturpar os factos, falsificar a história, e quando de todos os lados choviam os desmentidos, refugiou-se na cidadela das idéias, verdadeiras que ao romancista pertencem.

Em «Roma» rira a demonstrar a irremediável cegueira da Igreja, que tem de ceder à ciência a direção dos espíritos. «Paris», enfim, seria o advento da religião do futuro, duma fé equi se tianna, plus près de la vie, subtraída ao poder das liturgias da Igreja.

Ao longo desta três obras, a crítica de anticlericalismo, adive o seu cúmulo. Que o inspire a inveja e o ressentimento vê-se claramente, azeidume, exacerbado das expressões, de que usa, Miséria das gerações, novas embrutecidas por

— a estranha pobreza psicológica dos personagens que o autor do «Germinal» apresenta. Temperamentos, tipos certamente. Mas de forma nenhuma caracteres; conceitos, nunca pessoas.

Acomodando a verdade às demonstrações que entende fazer, Zola desenha com um lápis alusivamente simplificador.

Tal a oposição leitmotiv que ele faz entre os smagros e os egordos. Ou seja: dum lado, os proletários, do outro os burgueses fartos.

Uma grande parte da psicologia na obra de Zola, procede, destas estilizações demasiado fáceis.

Na Igreja, ele vê, a detentora dum prestígio espiritual que dura há séculos. Desapossada em proveito do povo do segredo, que se lhe reconhece de agir sobre as almas, eis o primeiro combate que se impõe.

As «Trois villes» marcarão, as etapas progressivas do combate a travar: Lourdes, Roma, Paris.

Zola assistiu à chamada peregrinação nacional: assistiu a milagres de assombrar. Viveu durante dias naquela atmosfera de fé, no sobre o natural, de esperança inabafável, de prece resignada, de caridade ardente para com todos os sofrimentos, e voltou incrédulo como fôrta. Em tudo isso, Zola viu apenas nevrozes, exaltação religiosa, loucura colectiva, gerada pela ansia de viver e gozar.

Podia ter-nos dado, com a incontestável superioridade do seu talento descritivo, uma bela síntese dos acontecimentos de Lourdes, a qual podia ter por epíteto um cântico de fé, ou, pelo menos, a respeito reserva da incredulidade, obstinada, mas leal na sua dúvida.

Preferiu deturpar os factos, falsificar a história, e quando de todos os lados choviam os desmentidos, refugiou-se na cidadela das idéias, verdadeiras que ao romancista pertencem.

Em «Roma» rira a demonstrar a irremediável cegueira da Igreja, que tem de ceder à ciência a direção dos espíritos. «Paris», enfim, seria o advento da religião do futuro, duma fé equi se tianna, plus près de la vie, subtraída ao poder das liturgias da Igreja.

erros, apodrecidas por mentiras prestígio da escola leiga reabilitada, triunfante, perlo da «facção clerical» exercendo a sua ditadura sobre um povo aviltado por «escolas de catecismo e de serviço», todas estas velhas queixas, que se arrastam em Homais, Hugo, envelhecendo, asilr-se-ão nestas páginas através dos quatro Evangelhos: Travail, Fécondité, Verité, Justice (este não chegou a ser escrito), com a estrutura da «Classe Ideal», mantendo a apoteose da Ciência, impotente como sabemos para dar uma concepção da vida, uma solução do problema do nosso destino. Devaneios economicistas à maneira de Forrier.

Para julgar estas divagações basta deixar falar o próprio Zola, quando censurava a Dumas, filho, de não ter partido do documento humano, chegando assim a «conclusões extra-humanas, a situações espantosas, absurdas, em pleno céu da fantasia».

Foi o que ele fez, delirando, nos quatro Evangelhos, que, afinal, se reduziã a três.

Há na sua obra um grande livro «Le Germinal», onde se manifesta um grande pintor de massas, e onde o espírito sectário do escritor rectifica alguns conceitos dos seus livros anteriores: algumas dúvidas sobre o absoluto bom direito de tal ou tal reivindicação operária, e já nem todos os burgueses são monstros.

Em suma, apesar do incontestável talento de Zola, a sua obra literária é condenável, pois que é essencialmente imoral, deturpada da verdade, tendenciosa, mista dum torpe realismo e dum idealismo pobre, desvairado, socialmente perigoso.



CASA FECHADA

Vagueio pela minha casa gelada
Onde jarras nuas
Apontam tetos silenciosos.

A mesa,
Aquele mesa,
A nossa mesa...
Tem hoje à volta o esquecimento.

A mão negra da tristeza
Fecha a minha alma.

Tudo me abraça, frio,
No lar em que vivi!

Ecos vêm chegando...

Todos repetindo:
— Aquil... aquil...
Foi aqui...

AIZUL

DO CONTO CLÁSSICO AO CONTO MODERNO

Por NUNO DE SAMPAYO

O conto foi considerado, durante muito tempo, um género menor, embora exija altas qualidades literárias. Em Maupassant e em Tchekov — que pertencem ao número dos contistas de primeira estirpe — a narração e a anedota impunham-se como elementos fundamentais: Somerset Maugham — que se considera acima de tudo um narrador — prolonga hoje esta tradição, na sua arte a agonia da ficção pura atingiu altitudes muito elevadas. Maupassant desenvolveu a anedota com um encanto e uma força prodigiosos, é certo; e se val sempre tão longo, fá-lo através do seu incomparável sentido de transfiguração poética, que eleva ao sublime os pequenos nada, os pequenos momentos da vida, dá-lhes, por assim dizer, uma dignidade transcendente. Joyce, que abra a linha dos grandes contistas modernos, ainda segue o processo realista de Maupassant e de Tchekov; é com Katherine Mansfield que começa verdadeiramente a revolução, mas em «Dubliners» o mundo interior e os estados íntimos — onde o génio de Joyce se sublima tão incomparavelmente — já anunciavam o conto de hoje tal como Bates, Virginia Woolf e Elizabeth Bowen o conceberam e o realizaram.

Podemos dizer que o Maupassant de «Uma noite de luar» e o Tchekov de «Madrugada» são os precursores do conto moderno. A poesia tende a reduzir tudo ao essencial, à natureza das coisas e dos seres, e um Keats, um Holderlin ou um Rilke levaram esta tendência muito longe; no conto as coisas passam-se da mesma maneira. Os momentos da vida sofrem valorizações inesperadas, extensas, e se as coisas mais quotidianas revelam-se de sentido e de consequências metafísicas. O conto de Virginia Woolf — que se pode considerar o padrão do conto moderno — é bem assim; os movimentos infinitesimais do interior humano, surgem em toda a sua intensidade — transcendem-se, tomam-se no macrocosmos que rege tudo. Eis o belo, o magnífico, o definitivo triunfo desse sumo da arte do conto moderno a que

Virginia Woolf chamou «The Waves», as ondas. Já em Katherine Mansfield, tudo se divide entre a sua rica, a sua prodigiosa faculdade de observação externa, e ritmo interior que rege, que determina todos os seres humanos, em «A lição de contos», em «Psicologia», o ponto oscila sempre entre estas duas constantes. D. H. Lawrence, além de ser um dos primeiros romancistas do século, deu-nos um tipo sublimado de conto, onde o ritmo interior da vida, está sempre sujeito a essas leis de atracção e de repulsão que fazem do homem um microcosmos no grande e maravilhoso e imponderável universo que o contém e o domina. Da anedota de Maupassant — adultério, cena da guerra franco-prussiana, banquete de amigos — passamos ao estado íntimo, profundo e essencial dum ou mais seres; e se o conto perdeu em leveza, se se tornou muito menos acessível, ganhou em humanidade em classe literária e em seriedade, um sentido e uma amplitude que nunca mais perderá.

A sublimação, por assim dizer poética, dos acontecimentos interiores reduzidos à sua essência, eis onde reside a grandeza do conto moderno, que, como vimos, têm em Virginia Woolf o seu supremo, o seu luminoso representante. A arte sublimada dos contistas de «Leaves» está tão distanciada das encantadoras anedotas de Maupassant como a prodigiosa transformação de Proust, a sua evidência psicológica, das páginas vividas, extraordinárias, fotográficas do génio plano e rectilíneo de Balzac. A narração passou — em Virginia Woolf, em Bates e em Elizabeth Bowen — do mundo exterior para o acontecimento interior, psicológico e metafísico, e o conto, de espectáculo de qualquer vulgar anedota, transformou-se no microscópio que regista as variações infinitesimais da natureza humana. Arte de experiência infinitesimal, é bem assim o conto moderno, o conto de que «The Waves» e o génio de Virginia Woolf são o modelo, o triunfo e quase o dogma.

NUM DIA DE INVERNO

Anda lá fora o vento sem temor a gemer, a vivar em tons profundos... Tudo arrebatado em gestos furibundos... Louco sem fé... Escravo do rancor!

Olho o céu: cor da cinza, Cor sem cor. Ouço gritos, lamentos gemebundos... Jesus! meu Deus! Parecem moribundos a soluçar no último estertor!

As nuvens vão baixando... e, de repente a chuva cai, num choro de demente... Estranha orquestra a chuva mais o vento!

Ó dia pardo, gélido e brumoso dia sem cor, sem vida, pavoroso como vens aumentar o meu tormento!

VIRGINIA NUNO VILAR

VIVÊNCIA PÓSTUMA DE SEBASTIÃO GAMA

Por TABORDA DE VASCONCELOS

Hão-de perguntar a si próprios os menos avisados, porque motivo, dentre os poetas portugueses que se convencionou designar de modernos, coube a Sebastião da Gama a garantia duma sobrevivência literária que muitos outros, com obras talvez mais extensas, não puderam atingir. E, alarmados, porventura despetitados mesmo, não deixarão de apontar as deficiências técnicas dos livros desse moço poeta, pequenos em extensão, reduzidos em número — e se não todos, um pelo menos capaz de colocá-lo no lugar-vago deixado por João de Deus, e que logo veio ocupar com ele — mas deficiências que, após uma observação cuidada, são afinal, tal como uma arma de dois gumes, a resposta, mais conforme a essa mesma interrogação.

— se agarrado à lição dos Meistres — por maiores que eles tenham sido, o que não importa considerar neste momento — o Poeta terá que atingir, por seus próprios meios, o seu próprio fim, tal como se, esquecido do quanto deve ao Passado, surgisse agora, pela primeira vez, de albos puros e espírito puro, perante um mundo que lhe compete construir.

Por isso, as influências estranhas que a auto-análise e o artificialismo literário de «Serra Mês» prevêm, bem como a alegoria espectacular que serve de ambiente a «Cabo da Boa Esperança», não foram mais que uma aprendizagem necessária — tão necessária como o sofrimento na dureza da condição humana, que ele tão subtilmente soube compreender e deixar implícito na entocão mal contida com que escreveu: «Constrói ao menos / qualquer coisa efémera. / Pois mais não pode ser; / se ao menos efémero. Ganhou, assim, poder comunicativo a sua expressão, até ai nem epigramática, nem sentenciosa, nem cleptica — simplesmente vazia, estruturando versos sem conteúdo e imagens sem força nem altura.

«Cabo da Boa Esperança» é a afirmação positiva de que o autor vive, em profundidade, a própria poesia das coisas, que vai buscar ao nada, à aridez estéril e a qualquer pormenor do quotidiano, como a havia feito Cesário. Mas a juvenil e entusiástica manifestação de fé, assim como a necessidade urgente de viver, na vida, a sua beleza total — de que se cerca e se aprofunda o último livro de Sebastião da Gama — nada tem que ver com o sentimento pré-determinado que algumas páginas dos volumes anteriores manifestadamente admitem.

Tampouco nada ficam devendo à argúcia, à penetrante observação e ao conhecimento íntimo do fenómeno poético, em si mesmo. Nem por isso os mais lúcidos são sempre os mais fadados para estas coisas. Levam-nos-ia mesmo demasiadamente longe procurar saber até que ponto, a inteligência, a cultura e todas as demais exigências que ela impõe são capazes de determinar os elementos primordiais das obras do criador estético. E talvez, em última análise, não seja.

(Continua na 4.ª página)

LIVROS

por João Gaspar Simões

O romance alemão é mal conhecido em Portugal. Refiro-me, claro está, ao romance clássico ou classicizante. Entre os autores populares, Zweig, por exemplo, conta muitos leitores no nosso país. É sintomático, porém, que Thomas Mann ou Hermann Hesse, dois dos maiores romancistas de língua alemã do nosso tempo, umhos eles galardoados com o prémio Nobel, sejam praticamente desconhecidos da crítica e do público portugueses. Salvo algumas breves narrativas, em Portugal, que eu saiba, não se conhece do mestre da «Montanha Mágica». É o conto que o seu romance «Os Buddenbrook» foi traduzido no Brasil. Mas não creio que a sua obra

Herman Hesse romancista alemão

Foi em 1946, com a atribuição do prémio Nobel de literatura, que Hermann Hesse saiu da obscuridade em que vivia desde que abandonara a Alemanha, incompreensibilidade com o regime hitleiriano, para se refugiar na Suíça. Já então era admirado pelos leitores de língua germânica. O resto da Europa descobriu-o, porém, data de 1946 a irradiação do seu nome pelas literaturas europeias e norte-americanas. Actualmente, já existem impressas em inglês, francês, italiano, espanhol e até em português algumas das suas principais obras de ficção. Ele e o outro, em alemão Klein und Wagner, acaba de ser traduzido na colecção «Obras Primárias Contemporâneas», da Livraria Guimarães, por Manuel de Sousa Marques. O Prof. Delfim Santos, com a sua habitual penetração e o seu comparado conhecimento da literatura alemã, aliás, neste caso, valorizado pelas suas relações pessoais com o próprio escritor, escreveu, para elucidação do leitor, um prefácio da obra de Hermann Hesse centrado na interpretação de Klein und Wagner, que serve de prefácio à versão portuguesa. Introdutor e tradutor — Delfim Santos e Manuela de Sousa Marques — pelo pendor dos seus trabalhos dão um bom exemplo de honestidade aos editores portugueses que se consagram, na maior parte dos casos, sem escrúpulos nem respeito pela literatura, a editar autores estrangeiros de segunda categoria em traduções que se não recomendam nem pela qualidade nem pela seriedade de quem as apresenta. Estamos, realmente, diante de um esforço honesto e digno para acreditar junto dos leitores portugueses um dos mais notáveis escritores contemporâneos de língua alemã.

Dizia eu que o romance germânico é mal conhecido em Portugal. E se é verdade que entre nós, regra geral, toda a alta literatura estrangeira tem menos admiradores que a baixa, o certo é que o romance alemão poucos ou nenhuns admiradores encontra no nosso país. Jacob Wasserman, que alguns críticos dizem rival de Dostoevski, Hans Carossa, considerámo-lo na Alemanha de entre duas guerras, um Franz Werfel, um dos mais célebres romancistas dos primeiros cinquenta anos do nosso século — todos eles são, por assim dizer, desconhecidos do leitor português. Porque será que o romance alemão, pelo menos o mais genuíno, não encontra entre nós admiradores seja em que camada for do público que gosta de ler?

Por mais singular que pareça, o romance alemão tem muitos aspectos em que poderá confundir, já não digo com o nosso, pois a verdade é que não te-

AS PRATAS PORTUGUESAS DE ÉPOCAS PASSADAS OCUPAM, ENTRE AS PRECIOSIDADES HERDADAS, LUGAR PRIMACIAL

Vide as Ourivesarias

Palavra justa palavra

Uma lição para meditar...

O sr. Delfim da Mota, da Rua de Chaimite, escreve-nos:

«Sr. Director: Com os meus cumprimentos para V. e votos de prosperidade para o seu jornal, venho comunicar-lhe um facto passado no dia 22 do corrente, de cuja narração poderei fazer o uso que entender. Suponho que se trata de um facto que, tornado público, será para muitos uma lição:

«No dia 22, último domingo, saí do Porto, a caminho de Braga, aonde fui visitar uma pessoa de família. Fiz a viagem numa caminheta da Viação Auto-Motora daquela cidade. Comigo seguiam adeptos do Benfica, que reconheci pelas bandeirinhas, e adeptos do Sporting de Braga, um dos quais era portador de uma grande bandeira do clube da sua simpatia. Fiz o regresso na mesma caminheta e quase com os mesmos companheiros. Pelo menos o adepto do Sporting de Braga regressou comigo e, igualmente, alguns amigos do Benfica. Numa curva paragem do veículo em Farnalício o simpático do clube de Braga foi insultado por dois ou três «benfiquistas» daquela vila: insultado e provocado — só porque galhardamente ostentava uma bandeira representativa de uma colectividade desportiva. Os discóloos chegaram a entrar na caminheta e é nesta altura que começa a aparecer a situação... para muitos:

«O homem da bandeira — tipo de operário ou artista — depois de muito encolhido — proferiu uma palavra que não era muito correcta, em res-

MODA ITALIANA

A Moda italiana, como ainda há dias afirmava a nossa colaboradora D. Noémia Gil Faria, está a ser uma concorrente muito séria da francesa. Uma razão principal contribui para isso: a economia. Os costureiros italianos conseguem, com padrões mais económicos, modelos magníficos, que constituem a tentação das senhoras de todo o Mundo. Outra circunstância: a aviação que conduz com tanta facilidade para a França como para a Itália.

Como o modelo gracioso e, simultaneamente, económico, oferecemos este às nossas leitoras, saído da Casa Corosa, de Roma.

É feito de dois tecidos do mesmo padrão, mas de cores diferentes. Como se vê, singelo, económico, mas bonito. Experimentem, que a Primavera está a chegar e é necessário aligeirar o vestuário.

NORTE DO DESPORTO

TÊNIS DE MESA

Académico, Vigorosa e E. Física venceram os jogos da primeira jornada da segunda volta do Campeonato

Terminada a primeira volta dos campeonatos regionais, em ambiente de interesse crescente, iniciou-se ontem a segunda fase do torneio. E, desde já, que esta não poderia ter tido melhor começo, visto que as equipas do Académico e do Gaitos disputam um jogo decisivo para a última posse do título. Assim, facilmente se explica que a sala do clube de Lima tenha ocorrido numerosas e entusiástica assistência, que aplaudiu calorosamente as mais lindas fases dos diversos encontros. No jogo do Académico reparou-se Emílio Silva, em virtude de Manuel Oliveira não poder alinhar por motivo de doença.

A vitória surgiu aos donos da casa que desta maneira podem ser considerados campeões regionais, pois não é de admitir qualquer surpresa nos jogos que lhe faltam disputar. De um modo geral, todos os estes foram disputados animosamente, notando-se, mesmo, na sua maior parte um equilíbrio que apenas serviu para dar maior emoção à pugna.

No primeiro jogo da noite, Vilva venceu Emílio por 2-1. Esta foi das mais agradáveis partidas. Vilva soube impôr-se a um adversário, que ainda hoje é — sem dúvida — um dos jogadores mais perfeitos e inteligentes do Porto e que reapareceu em boa altura, a provar que ainda é preciso contar com ele. Figueiredo venceu Ricardo por 2-0. O vencedor jogou deliberadamente ao ataque, fora do seu estilo habitual. Tudo lhe saiu bem, enquanto que Ricardo esteve desastrosamente deixando-se impressionar, desajustadamente, com o estado irregular da mesa, o que, infelizmente, se verifica em quase todos os clubes. De-

pois, Manuel de Carvalho venceu Freitas Gonçalves. Carvalho actuou dentro do seu estilo de ataque a objectivo, o vencedor limitou-se a dar-lhe réplica, dentro do que era possível. Ricardo triunfou bem de Emílio por 2-0 e a seguir Figueiredo bateu, também, por 2-0, Freitas Gonçalves. Jogo equilibrado e agradável de seguir que só se decidiu nos últimos lances. Seguidamente, no jogo mais espectacular da noite, Carvalho venceu Ricardo por 2-1. O vencedor, que perdeu pela diferença mínima, nem sempre teve a sorte pelo seu lado, e com a sua direita estava assegurado o triunfo, e certo que merecia o título.

ENTRE BASTIDORES...

Ào abrigo duma circular recentemente emanada da Direcção Geral dos Desportos, os dirigentes do F. C. do Porto vão pedir a revisão do caso do seu jogador Carvalho esperando, por isso, poderão incluir na equipa que no domingo defronta o Benfica.

ATLETISMO

Os Campeonatos Nacionais de «Corta-Mato» em Seniores e Juniores vão ser disputados por 60 concorrentes

No próximo domingo, com início às 10.20 efectuar-se-ão os Campeonatos Nacionais de Seniores e Juniores, disputados por equipas de 5 e 8 corredores e individualmente, nos terrenos anexos ao parque dos Jogos do Clube de Desportos da Educação Física do Norte, na Senhora da Hora, e nas distâncias de 6.000 metros para a categoria de Juniores e 10.000 metros para a de Seniores.

Na competição de Juniores, os nossos atletas vão para o atleta do Pejo Atlético Clube, Maurício Moreira Taras, Campeão Regional de 1952. No entanto o atleta do F. C. do Porto, Armando Augusto Couto Leite, não deixará de tentar a sua sorte, impondo um andamento duro e obrigando o seu correcto adversário a travar um dispêndio com ele e a lutar com brío e condignamente para conseguir o ambicionado título Nacional.

ATLETISMO

Entre Bastidores...

ranje um prazo nunca inferior a 8 anos de actividade consecutiva, poderá requerer à Direcção-Geral da redução ou suspensão de pena que lhe venha a ser aplicada, desde que ela possa ser enquadrada dentro das disposições do n.º 4.º do art.º 76.º do Decreto n.º 32.946.

Arrijumado o assunto relativo ao ciclista Fernando Moreira que acabou por ingressar no Sporting — segundo se diz seu sonho de há muito tempo — chegou a aventar-se a hipótese de Alves Barbosa transferir para o Benfica...

A novidade, que não teve confirmação, começou por correr com muita insistência na capital e chegou ao clube baixinho também por intermédio de uma conhecida e influente personalidade do ciclismo, suscitando preocupação com o caso e numa espontânea manifestação de amizade para com o Sangalhos se apressou a prevenir os seus directores...

Porém o aviso tornava-se desnecessário porque Alves Barbosa já tinha assinado a ficha pelo seu clube.

Se calhar a noticia foi posta a correr exactamente para sobressaltar o «bom amigo» do Sangalhos.

Está a organizar-se uma Comissão Pró-Piscina do Futebol Clube do Porto, graças a uma feliz iniciativa de um antigo dirigente do clube.

No domingo passado no final do desafio Porto-Belenenses lançaram-se já as vistas para os locais apropriados à construção da Piscina do ar-livre, assim como para a Piscina de Inverno. Estiveram presentes o nadador olimpico João França do Vale e o técnico Mário Norton.

Segundo a opinião deste técnico, a piscina de inverno poderia ser feita numa arcação nos baixos da bancada, e a adaptação não iria além de uns trinta contos.

Dentro de dois, anos a natacao em Lisboa deve tomar um grande incremento.

Benfica, Sporting e Belenenses reorganizaram as suas Secções de Natacao, tendo-se filiado na Associação de Lisboa, prevendo-se que no próximo ano estes clubes possuem já piscinas próprias cuja construção vai ser uma realidade.

O Ateneu Comercial de Lisboa inaugura ainda esta época a sua e do Nacional de Natacao prevê-se também que seja inaugurado na próxima época.

Em todo o país o movimento a favor da natacao é grande. Além da Piscina da Figueira da Foz, será inaugurada esta época a da Câmara Municipal de Tomar.

As da Câmara de Visu e de Braga também devem ficar concluídas no próximo ano.

No Porto, e o que se vê e se não se tornar realidade a iniciativa do F. C. do Porto tão cedo não teremos piscina.

ATLETISMO

Entre Bastidores...

Club Futebol Operário — 2 — Manoel Carlos Monteiro de Barros, 3 — José Manuel Monteiro de Barros, 4 — Manuel Joaquim Moreira, 5 — António Fragata Soares, 6 — Adelino de Sousa, 7 — Edmundo Monteiro da Silva, 8 — Filipe Loureiro Martins, 9 — César Augusto Cardoso Henriques, 10 — Abel Augusto da Silva Santos, 11 — Alexandre Figueiredo de Sousa e 12 — João Correia da Silva.

Futebol Clube do Porto — 13 — Armando Augusto Couto Leite, 14 — Acácio Antas de Amorim, 15 — Diamantino da Silva Santos, 16 — Fernando Augusto Pereira Tavares, 17 — José da Silva Braz, 18 — Alfredo Augusto Aranha Monizes Pacheco, 19 — Alberto Nogueira Pereira da Silva e 20 — Joaquim Ribeiro Pacheco.

Educação Física do Norte — 21 — Adelino Teixeira Lopes, 22 — Alberto Paulo de Jesus Diniz, 23 — Anacleto Joaquim Oliveira Soares, 24 — António Fernando dos Anjos, 25 — Arlindo Gomes Delgado Couto e 26 — Fernando Ismael da Costa Taveira.

Pejo Atlético Clube — 27 — Manuêl Moreira Tavares, 28 — José Maria da Costa Rodrigues, 29 — Acácio da Costa Rodrigues, 30 — Joaquim Gonçalves Vieira, 31 — Miguel dos Anjos Pereira de Sousa, 32 — Agostinho Alves, 33 — Delfino Duarte Pinto e 34 — Altino Alberto Gomes dos Santos.

Académico Futebol Clube — 35 — João Correia, 36 — Francisco da Cunha e 37 — Abílio José Fradeira.

Grupo Desportivo Santo Ovidio — 38 — Ventura Pereira Pereira e 40 — Domingos da Mota.

Club Futebol Operário — 50 — Hermínio Alves da Silva, 51 — Manuel Dias da Figueiredo e 52 — Orlando Moreira da Silva.

Futebol Clube do Porto — 53 — António Martins, 54 — João dos Santos Teixeira, 55 — Henrique de Sousa Costa, 56 — Angelo Alberto Ferreira, 57 — António João de Oliveira Pereira, 58 — José Maria de Sousa e 60 — Manuel Ferreira da Silva.

Educação Física do Norte — 61 — Manuel Rodrigues da Silva, 62 — Manuel Moreira e 63 — Acácio Artur Soares de Campos.

Pejo Atlético Clube — 64 — Carlos da Silva Fonseca Moraes e 65 — António Ferreira.

Académico Futebol Clube: 67 — Adolfo Esteves das Neves, 68 — António Martins de Oliveira, 69 — Joaquim Domingos Soares, 70 — José Manuel de Sousa e 71 — Manuel Casimiro da Costa Gonçalves.

Grupo Desportivo de Santo Ovidio: 82 — Hermínio dos Santos Barbosa.

COLUMBOFILISMO

Treino de Oliveira de Azemeis

A entrega dos pombos para o Concurso-Treino de Oliveira de Azemeis que a Sociedade Columbófila do Norte de Portugal promove no próximo domingo effectua-se no dia 28 das 21 às 23 horas.

Os das Socialistas agredidas devem estar em Campanha até às 24 horas.

Pombos desaparecidos

Intercâmbio militar

entre a Coreia e a Indochina

WASHINGTON, 26. — Seguirão para a Coreia, dentro de pouco tempo, missões militares de observadores das forças franco-vietnamitas, da Indochina, ao mesmo tempo que seguirão para o teatro de operações da Indochina alguns oficiais aliados das forças que combatem na Coreia.

No Departamento de Defesa, prevêem esta informação, esperarão grande proveito deste intercâmbio de oficiais entre duas frentes de combate tão diversas, em especial no que se refere à comparação prática dos métodos de formação e treino no momento em que o Governo do Vietnam e da Coreia do Sul, redobram os esforços para recrutar, cada vez maior número de oficiais, sargentos e soldados.

Necrologia

David Cardoso da Silva Martins

GUIMARÃES, 26. — Contando 45 anos de idade, faleceu, na sua residência, à Avenida Conde de Margaride, após prolongados sofrimentos, o sr. David Cardoso da Silva Martins, industrial, que gozava de muita estima. Era casado com a sr.ª D. Irene de Sousa Martins, pai dos meninos Maria Alberta e David Martins, filho da sr.ª D. Maria de Jesus Vieira Cardoso; irmão das sr.ªs D. Rosa, D. Beatriz, D. Olinda Martins e do sr. António Martins e cunhado das sr.ªs D. Almerinda de Sousa Martins, D. Palmira de Sousa Oliveira e D. Maria Augusta Xavier e dos sr.ªs José Manuel de Campos e Bernardino Campos Machado.

O funeral realizar-se-á amanhã, às 11 horas, ao templo da Misericórdia. A família enlutada, sentidas condolências. — C.

D. Rosa de Melo

PINHEIRO, 26. — Faleceu, ontem, no Porto (Pinheiro), de onde era natural, a sr.ª D. Rosa A. de Melo, de 90 anos, mãe do sr. Dr. António Melo Corte Real, advogado nesta cidade, e do sr. Melo Corte Real, residente em São Paulo (Brasil), e da sr.ª D. Carolina, D. Palmira e D. Emilia Corte Real e sogra do sr. António Corte Real, em especial ao sr. Dr. António Melo Corte Real, seus netos.

VIANA DO CASTELO, 26. — Em Alfaiate faleceu a sr.ª D. Maria das Doze Anjos, de 46 anos, casada com o sr. D. Augusto, em Alfaiate, filho do sr. D. Manuel Afonso Videira, agente da P. S. P.

Em Arcos, faleceu o sr. Carlos Afonso Branco, de 60 anos, casado com a sr.ª D. Mariana, Cerveira. Era filho de Sr. Duarte, falecido, e da sr.ª Ana Soares Mesquita, de 81 anos, viúva, mãe do sr. António Rodrigues Neves. O seu funeral realizou-se ontem, para o cemitério de A. Roque.

COIMBRA À TARDE

A caso da Académica

COIMBRA, 26. (Pelo telefone) — Seguram no rápido da manhã, para Lisboa, as individualidades que compõem a comissão, ontem proposta pelo Presidente da A. Futebol de Coimbra, na sessão que se realizou na F.N.A.T. e que, a tarde, pelas 17 horas, se avistaram com o sr. Ministro da Educação Nacional, para tratar do problema do castigo imposto à A. A.

De automóvel, partiram para a capital os membros da Direcção da Secção de Futebol do mesmo clube.

FACULDADE DE LETRAS

Para tratar de assuntos de seu interesse, reunir-se-á no próximo sábado, pelas 14.15 horas o curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras. A reunião terá lugar no auditório n.º 1 da Faculdade.

COMBO ESPECIAL A AVEIRO

Por motivo do jogo Académico-Braga, que no próximo domingo se realiza em Aveiro, a Associação Académica organiza um comboio especial para Aveiro, com partida de Coimbra às 12.15 horas, e ao preço de 26800.

CARTA DE WASHINGTON

OS COMUNISTAS DOS ESTADOS UNIDOS NÃO DESEJAM VISITAR O «PARAÍSO SOVIÉTICO»

WASHINGTON, Fevereiro (Por um correspondente especial) — «American Legion» declarou estar pronta a pagar todas as despesas relativas à transferência para a União Soviética dos 33 comunistas norte-americanos recentemente condenados por terem conspirado contra os Estados Unidos.

Antes de os condenar, um juiz federal perguntou-lhes se eles prefeririam ficar presos nos Estados Unidos ou ser enviados para a U.R.S.S. Todos escolheram a prisão.

Numa declaração transmitida pela «voz da América», o chefe nacional da «American Legion», sr. Lewis K. Gough, disse:

«Se é a falta do dinheiro necessário para financiar a viagem para a União Soviética que constitui a razão pela qual estes pequenos funcionários comunistas recusaram a oferta do juiz, e se desejam partir, a «American Legion» oferece-se para pagar todas as despesas respeitantes ao seu repatriamento.

O sr. Gough disse ainda, que esperava sinceramente que eles aceitassem esta oferta, pois pensamos que ser cidadãos da Rússia comunista constitui uma punição mais severa do que a de viver numa prisão americana.

Declarou que, apesar de estarem presos, os condenados comunistas podem ler o que lhes agrada; ouvir rádio e combaterem a fome, pelas 15.30 horas, na sede deste Comando, na Rua de Celofeita, a fim de assistirem à posse do 2.º Comando Distrital, sr. regente-coronel José Carlos Moreira.

DIA A DIA

Preso para averiguações

O agente da P. S. P. em serviço na Rua da Azenha deteve, por suspeita, José Cardoso de Castro, contínuo, do Bairro de Azenha, 91, que transportava uma barra de ferro, não tendo justificado a sua proveniência.

O transeunte é que foi a vítima...

Em frente ao prédio n.º 2700 da Rua da Costa Cabral, próximo da Afonso, formou-se um grande aglomerado de pessoas, com muito alarido, fazia comentários.

O que aconteceu? Apenas isto: O estador José António Monteiro, inquilino do referido prédio, por questões de família, tratava-se de razões com o seu cunhado Manuel Roberto de Carvalho Pinto, estador, na Rua de 9 de Abril, 240, Penafiel.

No mais animado da discussão, o Joaquim António arremessou duas garrafas vazias ao cunhado. Deste tempo para se desviar e as garrafas foram atingir Joaquim Manuel Marques Gomes, litógrafo, morador na mesma rua, n.º 294, que se atingiu no olho e sofreu ferimentos.

Sem o vinho e o dinheiro

Maria Joaquina dos Santos, da Rua Fernão de Magalhães, 207, com estabelecimento de merceria e vinhos, queixou-se à P. S. P. contra um indivíduo com quem vivia maritalmente, acusando-o de lhe ter furtado 30 garrafas de vinho verde, 15 garrafas de vinho do Porto e 3 garrafas de anis.

Os bens de bebidas que o outro a retratou de esmolar, guardado em outro e pedras preciosas. A queixa ainda é mais extensa e acusa o denunciado do desvio de mil e oitocentos escudos em dinheiro.

Embate de automóveis

Quando o automóvel NM-12-30, conduzido pelo sr. Ramon José Duran de Jesus, da Rua do Bonfim, 310, seguia pela Rua de S. Dinis, em direcção à Vale Fumoso, foi chocar com um automóvel que vinha a sair duma garagem. A razão do choque foi a travagem demasiado rápida e consequente derrapagem devido ao pavimento da rua estar cheio de areia. Ambos os veículos ficaram com avarias.

O futuro genro promete...

Palma de Jesus, comerciante, da Rua de Santana, 20, apresenta a filha, a P. S. P. contra um indivíduo acusando-o de lhe ter furtado algumas canas de ferro de convivência com a filha da queixosa, que é namorado denunciado.

UM «EXPRESSO-POPULAR» DO PORTO AO ALGARVE

A C. P., no desejo de atender melhor aos pedidos de excursionistas para o Algarve, na presente quadra, organiza a floresta das amendoeiras, que se realizará no dia 28 do corrente, com o objectivo de visitar a estação de turismo próximo domingo, dia 1 de Março, «Expresso-Popular» do Porto a Faro e Lagos ou a Faro-Olho e Tavira.

Para esse efeito, os excursionistas que tomarem parte em tão interessante passeio, embarcam na estação de Lameira, no dia 28 do corrente, com destino ao Algarve, onde se encontram em carruagens especiais que serão conduzidas ao comboio rápido de Lagos, que chega à Capital às 23.40.

Pernoitam em Lisboa e no dia seguinte, no prosseguimento da viagem, embarcam na estação fluvial de Lagos, onde se encontram em carruagens especiais que serão conduzidas ao comboio rápido de Lagos, que chega à Capital às 23.40.

Para estes passeios foram estabelecidas preços especiais, incluindo o transporte de passageiros e o almoço em Faro e Tavira. Os preços são: Faro e Tavira, Esc. 195000; Faro e Lagos, Esc. 195000 e Faro e Lagos e Tavira, Esc. 195000.

A Direcção de Turismo, tanto como a volta, será de conta dos excursionistas.

David Cardoso da Silva Martins FALECEU

A Família do saudoso extinto participa o falecimento e peço compaixão das pessoas das suas relações e amizade ao funeral que se realiza amanhã, sexta-feira, pelas 11 horas, na igreja da Misericórdia, confessando-se desde já muito reconhecida.

Guimarães, 26 de Fevereiro de 1953.

David Cardoso da Silva Martins FALECEU

A Família do saudoso extinto participa o falecimento e peço compaixão das pessoas das suas relações e amizade ao funeral que se realiza amanhã, sexta-feira, pelas 11 horas, na igreja da Misericórdia, confessando-se desde já muito reconhecida.

Guimarães, 26 de Fevereiro de 1953.

David Cardoso da Silva Martins FALECEU

A Família do saudoso extinto participa o falecimento e peço compaixão das pessoas das suas relações e amizade ao funeral que se realiza amanhã, sexta-feira, pelas 11 horas, na igreja da Misericórdia, confessando-se desde já muito reconhecida.

Guimarães, 26 de Fevereiro de 1953.

PÁGINA LITERÁRIA

LIVROS

(Continuação da 3.ª página)

de *Partido*, em A. Farsa, em *Confissão de Lúcio*, no *Nôme de Guerra*, no *Jogo da Cabeça Cega*, etc.

Tendo presente o *Werther*, e antes do *Werther* certas obras dos romancistas alemães, como Novais ou João Paulo, podemos apreciar com relativa facilidade uma das características mais em evidência do romance alemão. Salvo, na verdade, os casos raros — o caso de *O Buddenbrook*, ou o caso dos romances de Wassermann ou de Werfel, que estes são romances no sentido clássico do termo: romances objectivos e realistas — uma das características peculiares do romance germanico é o seu subjectivismo. *Ich-romance*, é a designação corrente para essa forma romanesca em que o eu do romanista se associa intimamente aos factos narrados e às circunstâncias da narração.

Romance do eu — eis o romance para que os alemães se apresentam mais directamente talkados. Ora a verdade é esta: que os portugueses parecem ter sido furtados também para esse género de literatura de ficção. Através das obras de Bernardim Ribeiro, de Garrett, de Camilo, de Raul Brandão, de Sá-Carneiro, de Almeida, de José Régio, — das suas obras mais legitimamente suas — o eu do romanista que se introduz na acção, a sua subjectividade que alastra e que domina o quadro, o qual tenta em vão libertar-se da sua perspectiva tão obsediante como tirânica.

Porque não acreditar então o leitor português um estilo de ficção para que se encontre seguramente predilecto? Porque, sendo esse o género de literatura de ficção para que a sensibilidade do português mais naturalmente o compele, não é esse o género de literatura de ficção que o leitor português prefere. Está muito intimamente relacionado com a poesia o romance subjectivo estilo *Monette e Mago*, e o português dos nossos dias, que já não é o português que animava os falsetes e continuava a história incompleta de Bernartim Ribeiro, preferiu o romance realista e o romance que Egas de Queiroz, lhe enviou a ler, ao romance idealista e fantástico, o romance subjectivo e lírico, que os nossos melhores ficcionistas a meio lhe ofereceram de quando em vez.

Tam, de facto, muitos inconvenientes o *Ich-romance*. Ele é o *Outro*, embora seja, realmente, na terceira pessoa, ou seja, a sua personagem central, vive o seu drama, não é um romance objectivo. Pelo menos, falta-lhe o corte o torço unificador que liga o organismo psicológico do seu criador. Se esse corte tivesse sido praticado, Klein não poderia subsistir. «Ele», a personagem que contraria com o *Outro* na história e Hesse — a personagem que luta para se libertar dos seus limites — e que vê em Wagner, o *Outro*, aquele que atingiu os extremos da lição, a impressionante imagem social do alvo a que ele próprio visa — esse Klein, aparentemente estranho ao narrador, é, afinal, não só uma projecção do seu eu, mas, o que ainda é mais singularmente germânico, um símbolo em que o seu eu exterior encarna os problemas que o estimulam e afirmam.

Está onde o romance alemão atinge, com efeito, um carácter vicinamente diferente do romance francês, inglês ou espanhol. Ela onde esse romance supera o subjectivismo, em que o nosso clássico, para se aproximar do mundo com as características de universalidade que o caracterizam. Não sendo objectivo, dessa objectividade do romance francês soube cuidar desde as suas origens — um modelo de objectividade — a *Princesa de Clèves* ou um *Adelpho* — o romance alemão supera a sua própria subjectividade, reconhecendo no simbolismo.

Klein, o herói de Hermann Hesse, nem é Hermann Hesse nem é Klein, uma criação de carne e osso, que morre às suas próprias mãos, vítima dos seus próprios limites: é um mito, o mito em que o escritor projectou particularidades do seu mesmo eu e particularidades da sua mesma consciência, sem

qualquer preocupação de verdade psicológica, sem o mínimo respeito pela verossimilhança moral da sua própria personagem. Não é uma criação ligada a nós que está diante do leitor em *Ele e o Outro*. Nós temos tudo quanto há em Klein, e Klein tem tudo quanto há em nós, mas esse estudo, que é o nosso e dele, não é o de seu coração humano nem da sua natureza psicológica. Hermann Hesse violenta a verdade da alma, frega as condições da natureza humana, desorganiza a realidade, desmora da entidade humana, para não fazer penetrar na problemática que interessa ao desenhador do mito, que o seu intento torna patente no seu livro. Um mito não é um Homem, um mito é já de si uma representação simbólica de uma entidade dada. Quando o mito se apresenta no romance encarnado numa personagem — é o caso de Klein —, o leitor, que julga encontrar-se diante de um romance, só por um esforço muito grande da sua inteligência chega a adaptar-se à inverossimilhança inerente à exposição de um mito encarnado numa criação de aparência humana. É este esforço, esta correcção da nota sobre recurso à orientação que ao leitor pode fornecer o astrólogo da sua cultura e da sua inteligência arrancando a cada passo as defleças da leitura desproporcionada, para o obrigá-lo a reconhecer as intenções do escritor — que Hermann Hesse dirige de todo aquele que lê os seus livros com o espírito formado na leitura dos romances clássicos da literatura europeia. Não sei se o leitor português, já pouco amigo do esforço e da cultura filosófica, estará disposto a entregar a sua boa vontade para se elevar até ao nível a que o eleva a obra de Hermann Hesse. A verdade, porém, é que esse esforço se torna tanto mais incómodo quanto mais de longe se vêem brilhar as estrelas que formam o firmamento de toda a obra literária deste género: a beleza do estilo, a aura poética, o lirismo intrínseco à essência da língua.

Correcta, excessivamente como se nos figura a tradução de *Ele e o Outro*, o certo é que a correcção não é beleza íntima, e a beleza íntima da prosa de Hermann Hesse dificilmente pode vertor-se, assim o creio, embora não saiba alemão, para qualquer outra língua, e especialmente para a nossa.

Este o motivo porque, na obra respectiva de Sebastião da Gama, um único livro lhe atribua a sobrevivência e a duração que só aquele pequeno e estimado, capaz de dirigir a mão dos artistas de todos os tempos, nele justifica a realização de *Campe Aberto*. Trata-se duma sensibilidade requintada, experimentada na descoberta das coisas simples, delicadas e significativas, mas a que atribui o vigor, a perfeição e a beleza do seu espírito de artista.

De modo que, a vivência, a personalidade de Sebastião da Gama, assim, de acordo com a sua própria feição poética: a transplantação de tudo quanto há de mais legítimo, do mais nobre e de mais simples na Terra, e da natureza humana para a expressão autêntica da Poesia mais genuinamente antiga — poesia que lembra os Cancioneiros, os trovadores, a tradição lírica que é o melhor da nossa história literária.